

A abertura que o historiador tem dado, atualmente, às desconstruções das narrativas historiográficas, permitiu uma desterritorialização dos estudos sobre o medieval, abrindo possibilidade para uma história medieval vista a partir de outros continentes e de outros olhares que não o europeu. As perspectivas de estudo sobre este período na América Latina tem mostrado propostas interessantes de (des)construção historiográfica e reflexões que muito tem contribuído para a noção de "história como problema", tão cara a Marc Bloch.

Os artigos que constituem este dossiê são uma amostra expressiva desta produção e do espaço que a história medieval tem alcançado dentro da historiografia brasileira. Cobrindo o período que vai deste o V século até o XVII, os trabalhos aqui publicados versam sobre problemáticas que atingem o campo da religiosidade, de gênero, da cultura, da política e do pensamento, deixando à mostra os interesses de pesquisa dos vários laboratórios que têm se articulado ao longo dos últimos anos no país e que em muito têm contribuído para essa fase frutífera da historiografia medieval brasileira.

O presente Dossiê de História Medieval, e sétimo número da Revista Crítica Histórica, é organizado por um destes laboratórios, o VIVARIUM - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medieval - Núcleo Nordeste. Nosso objetivo aqui não é somente possibilitar o debate intelectual proposto pelos artigos, mas fortalecer uma rede de pesquisadores preocupados com a produção historiográfica elaborada no campo da medievalística na região Nordeste do país e da sua articulação às demais regiões.

Dentro desta perspectiva, procuramos dar espaço às pesquisas que estão sendo produzidas a partir das discussões historiográficas que fomentam esses laboratórios de estudos medievais e que num movimento de contínua troca de conhecimento acadêmico, cruzaram as mais diversas regiões do país, chegando até nós por meio dos textos dos autores aqui publicados.

Nosso dossiê inicia-se com um artigo que é exemplo dessa troca de conhecimento apontada acima. Paulo Duarte Silva da UFRJ e Bruno Gonçalves Álvaro UFS, fazem juntos uma interessante discussão acerca da atuação dos representantes das sedes episcopais de Alexandria e Hipona entre os séculos IV e V, a partir dos filmes *Agostino d'Ipona* (Itália, 1972) e *Ágora* (Espanha, 2009), que permitem comparar as diferentes formas e características da atuação bispal. Em seguida, Pâmela Torres Michelette busca compreender a elaboração da concepção da Realeza católica na Hispânia Visigoda, a partir da análise das ideias políticas de Isidoro de Sevilha. Partindo da análise da obra *Vitas Sanctorum Patrum Emeretensium*, hagiografia do período visigodo redigida por um autor anônimo no terceiro decênio do VII século, Germano Miguel Favaro Esteves dedica-se à interessante análise da figura do Diabo e suas representações na obra *Incipit vita vel virtutibus sancti Masonae Episcopi* (Vida e Virtudes do Santo Bispo Masona). Segue-se o artigo de João Charrone, que propõe uma discussão sobre as hagiografias de Venâncio Fortunato, tratando questões como a autenticidade e o público alvo das obras do autor, além de discutir as funções e o papel do hagiógrafo medieval. Já Munir Lutfe Ayoub realiza uma análise dos salões de culto e banquetes no espaço escandinavo, buscando compreender suas atribuições na formação dos espaços religiosos e políticos na Escandinávia do período viking.

Partindo para a Idade Média Central e Baixa Idade Média, o artigo de Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva nos apresenta uma agradável discussão de como a versão narrativa elaborada pelo franciscano Juan Gil de Zamora de um tradicional milagre ganha sentido em um contexto específico, o Reino Castelhana-leonês no século XIII, por meio das representações do Diabo e do Judeu. Ainda tratando do tema das hagiografias, Renata Cristina de Sousa Nascimento busca analisar os elementos presentes na construção discursiva no relato *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi* que justificam ao papado a canonização do primeiro santo dinástico, durante as conquistas em África no século XV. Marcelo Pereira Lima apresenta uma discussão que parte da interseção entre a História Institucional do Direito e os Estudos de Gênero, para pensar as masculinidades clericais representadas nas legislações elaboradas no reino de Castela e Leão, do século XIII. Em seguida, Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior traz uma singular discussão acerca da maneira pela qual Giambattista della Porta lidou com a chamada comunicação secreta dentro das obras *De Magiae Naturalis* e *De furtivis Literarum Notis* vulgo *De Ziferis – Libri III*, mostrando a importância da concepção de universo e das forças esotéricas nos mecanismos pensados por Della Porta na utilização de técnicas de comunicação secreta. Adriana de Souza Zierer apoia-se na análise da novela anônima *A demanda de Santo Graal* para pensar as principais características dos cavaleiros e seus papéis na sociedade medieval, a partir da análise de vários personagens da narrativa. Em seguida, trazemos o artigo de Anderson D’Arc Ferreira, visando um importante aspecto do pensamento medieval, a filosofia, no qual o autor busca retomar os principais elementos pelos quais o filósofo Tomás de Aquino trata do problema acerca da possibilidade do intelecto humano adquirir conhecimento sobre Deus. Carlos J. Rodríguez Casillas retrata o enfretamento político-religioso entre o Mestre de Alcântara, Yáñez de Barbudo, com o reino de Granada, em 1394, mostrando como tal fato influenciou na desestabilização política entre os reinos castelhano e nazarí. Já Luciano José Vianna realiza uma tentativa de identificar os significados da plenitude do poder para Marsílio de Pádua no capítulo XXIII de sua obra *O Defensor da Paz*, bem como a sua utilização pelo bispo de Roma, apontando para uma rica discussão sobre a luta entre o poder temporal e espiritual no medievo. Por fim, o artigo de Leandro Duarte Rust fecha o Dossiê de história medieval, trazendo uma intrigante discussão a respeito das implicações intelectuais que o uso da terminologia antipapa carrega na historiografia sobre a Idade Média, principalmente com relação aos conflitos de poder e relações sociais decisivas para a constituição política da Sé Romana e da Cristandade.

Na seção Documentos, trazemos a tradução do excerto “*Diatribes 12 e 13 de Musônio Rufo: Sobre coisas relativas a Afrodite e Casamento*”, traduzido pelo professor Aldo Dinucci, da Universidade Federal de Sergipe. O documento, escrito por Caio Musônio Rufo - estoico do primeiro século e mestre de Epicteto - trata de questões relativas ao sexo e ao casamento, ambos sob o prisma do estoicismo romano.

Por fim, nosso dossiê encerra-se com duas resenhas: a primeira delas trata do livro de Gary Ferngren, *Medicine & Health Care in Early Christianity*, que versa sobre a relação entre o cristianismo dos séculos I e IV e a medicina grega, texto feito por Bruno Uchoa Borgongino; a segunda, escrita por Marcos Cruz, nos instiga a ler o livro do historiador Ruy de Oliveira Andrade Filho, *Imagem e reflexo. Religiosidade e Monarquia no Reino Visigodo de Toledo (séculos VI-VIII)*, no qual este autor dedica-se a análise das articulações entre religiosidade e a montagem da monarquia católica visigoda, após a conversão de Recaredo.

Esperamos, assim, que o presente número possa contribuir com a produção do conhecimento acerca do medievo no Brasil, ao mesmo tempo em que agradecemos as

contribuições dos autores para esta edição, e dentre elas, a gentil colaboração dos participantes da rede Vivarium, região Nordeste, Bruno Álvaro e Marcelo Pereira Lima.

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel de Fátima Parmegiani**

**Prof<sup>a</sup>. Ma. Roberta Miquelanti**